

HETEROGENEIDADE ENUNCIATIVA: O JOGO DE VOZES NA CARTA DE J. GUIMARÃES ROSA A JOÃO CONDÉ, REVELANDO OS SEGREDOS DE SAGARANA

ENUNCIATIVE HETEROGENEITY: THE PLAY OF VOICES IN THE LETTER FROM J. GUIMARÃES ROSA TO JOÃO CONDÉ, REVEALING THE SECRETS OF SAGARANA

Ana Carolina Correia Almeida¹

Mestre em Linguística e Língua Portuguesa
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais
(anacarolinacorreiaalmeida@gmail.com)

Fernanda Habaeb Pinto Moreira²
Graduada em Letras
Centro Universitário Newton Paiva
(fehabaeb@gmail.com)

RESUMO: Este artigo objetiva analisar a heterogeneidade enunciativa encontrada na carta de J. Guimarães Rosa a João Condé, revelando segredos de **Sagarana**. O estudo orientou-se a partir dos pressupostos teórico-metodológicos de Jaqueline Authier-Revuz, tendo como suporte o conceito de heterogeneidade enunciativa, concepções de sujeito e de sua relação com a linguagem e a noção de interdiscurso para designar a exterioridade das formações discursivas na obra de Pêcheux. A preocupação foi fundamentada no modo como os diferentes sujeitos se movimentam, isto é, se constituem no discurso, sendo interpelados pelo outro. Elegemos, como *corpus* desta análise, trechos da carta em que o escrevente permitiu escapar, linguisticamente, os atravessamentos discursivos e imprimiu marcas da intersubjetividade na escrita, a respeito da própria formação discursiva, da percepção de mundo, da gente do interior, de sua escrita e os impactos desses aspectos subjacentes à constituição do próprio sujeito-autor. Tais discursos, observado seu funcionamento de natureza social, constroem-se na interlocução entre os sujeitos, o contexto histórico social e ideológico que se tornam constitutivos na relação de sentidos provocados pela concepção que se instaura.

Palavras-chave: Heterogeneidade. Sujeito. Sagarana.

ABSTRACT: This paper aims to analyze the enunciative heterogeneity found in J. Guimarães Rosa's letter to João Condé, revealing **Sagarana's** secrets. The study was guided by the Jaqueline Authier-Revuz's theoretical-methodological assumptions, based on the concept of enunciative heterogeneity, on the conceptions of the subject and its relationship with language and the notion of interdiscourse to designate the exteriority of discursive formations in Pêcheux's work. The concern was based on the way how the different subjects move, that is, they constitute themselves in the discourse, being questioned by the other. We chose, as a corpus of this analysis, excerpts from the letter in which the scribe allowed to escape, linguistically, the discursive crossings and printed marks of intersubjectivity in writing,

¹ Doutoranda em Linguística e Língua Portuguesa. Bolsista CAPES.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6778-8715>.

² Mestranda em Linguística e Língua Portuguesa – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2128-0262>.

regarding the discursive formation, the perception of the world, the countryside people, his writing and the impacts of these aspects underlying the constitution of the author-subject himself. Such discourses, observing their social functioning, are constructed in the dialogue between the subjects, the social and ideological historical context that become constitutive in the relationship of meanings provoked by the conception that is established.

Keywords: Heterogeneity. Subject. Sagarana.

Introdução

Em carta escrita a João Condé, revelando os segredos de **Sagarana**, João Guimarães Rosa (JGR) elenca as doze histórias que compõem a obra. O autor recria o universo caboclo, matuto, paisagens, boiadeiros, fazendeiros, cangaceiros, costumes, credices populares etc. e, a partir do palavreado do sertanejo, promove uma verdadeira “transformação da linguagem”, marcada por regionalismos, estrangeirismos, neologismos e arcaísmos. Sabe-se que, desde muito novo, o escritor mineiro comportou-se como um pesquisador, por um lado, da língua e das línguas, mas também profundamente, da paisagem, fauna e flora, sua gente com suas características e regionalidades.

Num texto rápido e bem-humorado, JGR esclarece a João Condé (JC), seu amigo, jornalista e escritor literário pernambucano, como foi o planejamento do livro, sua execução e apresenta a ideia de cada conto e de como e por que eles entraram no livro.

Diante do vasto acervo que a carta oferece, elegemos como *corpus* desta análise, trechos em que o escrevente permitiu escapar, linguisticamente, os atravessamentos discursivos e imprimiu marcas da intersubjetividade na escrita a respeito da própria formação discursiva, da percepção de mundo, da gente do interior, de sua escrita e os impactos desses aspectos subjacentes à constituição do próprio sujeito-autor. Através dessas categorias analíticas, adotamos uma abordagem que se preocupa “com o modo que o narrador representa determinado fenômeno, como interpretam suas experiências” (PAIVA, 2019, p. 91), concepção complementada por Lieblich, Tuval-Mashiach e Zilber (1998, p. 7):

As histórias imitam a vida e apresentam uma realidade interna ao mundo exterior, ao mesmo tempo, no entanto, elas modelam e constroem a realidade e a personalidade do narrador. A história é a identidade de alguém, uma história criada, contada, revisada e

recontada ao longo da vida. Nós nos conhecemos ou nos descobrimos, e nos revelamos aos outros, por meio das histórias que contamos (LIEBLICH, TUVAL-MASHIACH E ZILBER, 1998, p. 7).

Em virtude dos fatos mencionados entendemos que as histórias são construídas com eventos da vida e permitem também liberdade de criação, seleção criativa dos atos e ênfases de interpretação desses eventos. Esses serão subsídios para se compreender como os recursos linguísticos analisados são empregados e de que forma os processos enunciativos são engendrados e legitimados no gênero discursivo em questão, a carta.

As cartas revelam a inovação verificada a partir da mistura e da convergência de tradições culturais, pois representam produtos que marcam o distanciamento comunicativo (ausência física do interlocutor), mas também se realizam como elementos provindos da oralidade. Nessa perspectiva, pode-se afirmar que as cartas são uma interface entre a oralidade e a escritura, pois transitam num *continuum* entre um extremo e outro, dependendo do grau de intimidade entre os interlocutores e em especial, na carta em análise, permite-se observar a proximidade entre eles.

Bazerman (2005, p. 87) aponta que as cartas são gêneros que geraram muitos outros gêneros, desde usos formais, oficiais, legais e canônicos a mensagens particulares e até mesmo artigos científicos e acreditamos que, em uma carta, podemos encontrar outros gêneros textuais. As cartas pessoais assemelham-se ao gênero conversa já que ambos tratam de uma comunicação informal geralmente entre indivíduos.

É a partir dessa explicação, da originalidade e do rico cabedal linguístico e etnográfico do texto que adentraremos na intenção deste artigo que objetiva analisar a heterogeneidade enunciativa encontrada na carta de J. Guimarães Rosa a João Condé, fundamentada no modo como os diferentes sujeitos – o autor escrevente, o destinatário e o leitor – se movimentam, isto é, se constituem nessa carta/ discurso. Nesse percurso, observaremos, sobretudo, por meio dessa “conversa”, as relações presentes no texto estabelecidas pelas formas constitutiva e mostrada (marcada e não marcada) da heterogeneidade enunciativa que se manifestam no discurso (AUTHIER-REVUZ, 1990) e a costura desenhada pela exterioridade no interdiscurso na constituição da formação discursiva dimensionadas por Pêcheux (2010),

considerando-se que o discurso é a linguagem em interação em suas condições de produção, ou seja, a relação estabelecida pelos interlocutores, assim como o contexto são constitutivos da significação do que se diz.

Diante do exposto, apresentaremos a organização do texto de maneira que as orientações teóricas dialogam com a análise e inferências, buscando, ali mesmo, realizar as considerações que se mostraram pertinentes.

Concepção de sujeito e a sua relação com a linguagem

Como já sabemos, o sujeito na Análise do Discurso (AD) é interpelado por uma formação ideológica, pois há vozes que circulam pelo discurso a partir das instituições que as colocam em evidência, quer dizer, ele não é uno, as instituições ditam a posição do sujeito na ordem discursiva, é o que dizem da porosidade do sujeito. Entendendo aqui a porosidade como “espaços” constitutivos de sua formação, de apreensão e reorganização conceitual/nocional, de ideias e significados e que todo discurso é, necessariamente, atravessado por outros discursos, existem outros sujeitos demarcados no dizer. Nas palavras de Freda Indusky (2001, p. 30):

O sujeito é interpelado ideologicamente e identificado com uma posição sujeito-leitor inscrita em uma Formação Discursiva, ou seja, o sujeito produz seu texto a partir de um lugar social e, ao fazê-lo exerce a função enunciativa de autor. Esse sujeito-autor, em minha perspectiva, mobiliza diferentes relações com a exterioridade e as organiza, dando-lhes a configuração de um texto. Dito de outra forma: em seu trabalho de escritura, o sujeito-autor mobiliza vários e diversificados recortes textuais relacionados a diferentes redes discursivas e diferentes subjetividades (INDUSKY, 2001, p. 30).

A noção de sujeito, compreendida em nosso trabalho, portanto, é a de um lugar, uma posição assumida no discurso, pelo reconhecimento com esta ou aquela formação discursiva em que o sujeito se inscreve. Por isso, concordamos com Orlandi (2005, p. 65) quando afirma que a função-autor “constrói uma relação organizada – em termos de discurso – produzindo um efeito imaginário de unidade”. Embora não se tenha um sujeito dono de seu dizer, pois tudo o que é formulado está na ordem do repetível e em algum lugar, em algum momento, já foi dito, toda vez que se tem um efeito imaginário de unidade, isto é, que se tem função-autor, o sujeito é colocado imaginariamente na origem do sentido e é responsabilizado por sua produção

(ORLANDI, 2005, p. 65). Na carta, a noção de sujeito pode ser explicitada no trecho abaixo:

(1) Assim, pois, em 1937 — um dia, outro dia, outro dia... — quando chegou a hora de Sagarana ter de ser escrito, pensei muito. Num barquinho, que viria descendo o rio e passaria ao alcance das minhas mãos, eu ia poder colocar o que quisesse. Principalmente, nele poderia embarcar, inteira, no momento, a minha concepção-do-mundo.

Verifica-se que o sujeito não é a fonte absoluta do significado, do sentido e não é a origem, pois ele se constitui por falas de outros sujeitos, é resultante da interação de várias vozes, da relação com o sócio-ideológico, portanto tem caráter heterogêneo. A concepção de um sujeito marcado pela ideia do centro, da unidade, da fonte ou origem do sentido constitui uma ilusão necessária, na formação do sujeito, a fim de que o sujeito continue a produzir discurso (PÊCHEUX, 2010).

É neste sentido que reside, no trecho acima, o que JGR deixa escapar nas entrelinhas: “Num barquinho, que viria descendo o rio e passaria ao alcance das minhas mãos, eu ia poder colocar o que quisesse”. Além de “dizer” da composição e da legitimidade construída por Outros, permite submergir (o fora de seu controle) da vontade que tem de colocar o que quer, o que deseja, mas entende da posição sujeito, da condição dada à escrita e que não pode escrever o que bem quiser, mas o que de “certa forma” convém. Sabe bem disso ao confirmar no trecho seguinte, por meio do verbo escolhido “poderia” no futuro do pretérito: “Principalmente, nele poderia embarcar, inteira, no momento, a minha concepção-do-mundo”, não aquilo que se pode dizer no momento exato da escrita, embarcar os seus pré-constructos, ou seja, a própria concepção-do mundo que já domina não ser fonte do dizer, mas da formação que o constitui.

Dessa forma, ao ler um texto, o leitor precisa mergulhar na tessitura textual para interpretá-la e entendê-la à luz dos seus conhecimentos e vivências, partindo do princípio de que cada sujeito, ao produzir um discurso, relaciona-se sempre com o interdiscurso ou memória discursiva, “sobredeterminado” pelos pré-construídos. Dessa forma, exterioridade é o tecido histórico-social que constitui o sujeito que constrói o discurso. Retomando Freda Indursky (2016, p. 28):

O sujeito realiza sua prática discursiva de escrita inscrevendo-se na discursividade (interdiscurso) e na memória de uma formação discursiva (memória discursiva). Tal fato irá determinar inexoravelmente o modo como os fios discursivos provenientes do exterior irão se articular e textualizar, permitindo vislumbrar o encontro da linguagem com a ideologia, possibilitando observar como a ideologia materializa-se na escrita de um sujeito, nela imprimindo uma direção de sentidos e seus efeitos de evidência (INDURSKY, 2016, p. 28).

Nesse sentido, o interdiscurso encontra-se no que diz respeito ao pré-construído às relações mundo e à exterioridade e constituição do sujeito que produzem por meio e intrinsecamente os “já-ditos” numa dada formação discursiva, o que, para Possenti (2003), o pré-construído “corresponde ao ‘sempre-já-aí’ da interpelação ideológica que fornece a “realidade” e seu ‘sentido’ sob a forma de universalidade (o mundo das coisas)”. Em termos, digamos, filosóficos, o que está em questão é a posição segundo a qual os sujeitos falam a partir do já dito - e isso é exatamente o que o interdiscurso lhes põe à disposição e/ou lhes impõe, como elucidado a seguir:

(2) Então, passei horas de dias, fechado no quarto, cantando cantigas sertanejas, dialogando com vaqueiros de velha lembrança, “revendo” paisagens da minha terra, e aboiando para um gado imenso. Quando a máquina esteve pronta, parti. Lembro-me de que foi num domingo, de manhã.

O livro foi escrito — quase todo na cama, a lápis, em cadernos de 100 folhas — em sete meses; sete meses de exaltação, de deslumbramento.

(Depois, repousou durante sete anos; e, em 1945, foi “retrabalhado”, em cinco meses, cinco meses de reflexão e de lucidez).

Nesse trecho, há um jogo de vozes e de relações de mundo em que o sujeito se constitui em diferentes posições discursivas. O autor de **Sagarana** e locutor da carta ao amigo Condé, numa forma dialógica e interlocutiva, tece no fio da conversa a trama evocada pelos personagens e ambientes da própria história. Ali no quarto, naquele espaço e tempo descritos, ao reviver as vozes que construíam seu enredo: “cantando cantigas sertanejas, dialogando com vaqueiros de velha lembrança, ‘revendo’ paisagens da minha terra, e aboiando para um gado imenso Rosa trouxe pela memória a própria concepção-do mundo” que tinha ou que desejava privilegiar, e define então o quê e do quê ia dizer.

Esse instante de re-memória, de resgate da exterioridade advinda pelos “já-ditos-vividos” tão cara à formação do autor traz à superfície do momento no ato da escrita da carta, a ideologia translúcida na escolha e pode ser justificado nos termos de encantamento por ele mesmo promovido ao dizer: “sete meses de exaltação, de deslumbramento”.

Para a Análise do Discurso, a intertextualidade aponta para outros textos que se inscrevem na mesma matriz de sentidos. Já o interdiscurso, que pode ser entendido como a memória do dizer, remete a redes discursivas tais que já não é mais possível identificar, com precisão, a origem de um texto, visto que o discurso está disperso em uma profusão descontínua e dispersa de textos, relacionando-se com formações discursivas diversas, e mobilizando posições-sujeito igualmente diferentes. Estas são, pois, duas formas distintas de relação com a exterioridade e que participam, a igual título, da constituição do texto (Indursky, 2016, p. 30).

A heterogeneidade enunciativa do sujeito no discurso

O conceito de heterogeneidade surge na chamada terceira fase da Análise do Discurso (AD), se desenvolveu e ganhou espaço com a linguista Jaqueline Authier-Revuz (1990), a partir da concepção de interdiscurso proposta pela AD francesa, da teoria do sujeito construída pela psicanálise, influenciado, principalmente, pelos estudos de Lacan, e da noção de dialogismo e de polifonia desenvolvida por Mikhail Bakhtin. Duas mudanças contribuíram diretamente para o surgimento desse conceito. Primeiro, o redirecionamento da concepção de Formação Discursiva (FD), não mais vista como “um lugar estrutural fechado, pois é constitutivamente ‘invadida’ por elementos que vêm de outro lugar (isto é, de outras FDs) que se repetem nela, fornecendo-lhe suas evidências discursivas fundamentais” (PÊCHEUX, 2010, p. 314). O segundo motivo devido a teoria da heterogeneidade não ser mais vista como diversidade entre indivíduos nem como vozes complementares no diálogo comunicativo em qualquer um dos casos exteriores ao sujeito, mas como constitutiva deste e, conseqüentemente, de todo dizer (CORACINI; PEREIRA, 2001, p. 139).

A teoria de Authier-Revuz está inscrita no campo específico da Linguística e analisa os processos enunciativos sob uma perspectiva que enfoca a presença do Outro/outro na enunciação, tomando por base o reconhecimento da língua como

sistema de diferenças e como espaço de equívoco. A heterogeneidade é tomada como fundante – a linguagem é heterogênea em sua constituição. A autora busca colocar em evidência as rupturas enunciativas no fio do discurso e apresentar os elementos decisivos para o surgimento de um discurso outro no discurso do mesmo. Assim, nas palavras de Coracini e Pereira (2001), elucidamos melhor o conceito:

Essa heterogeneidade que constitui o sujeito e se revela pela linguagem, ou melhor, pelo discurso (também constituído pelo atravessamento de outros discursos), se vê camuflada, na superfície do texto que se apresenta como uno, monológico, intencional e, sobretudo, portador de significados autorizados por um autor consciente que escolhe bem suas palavras para melhor controlar o sentido que deseja imprimir ao texto. Tal camuflagem parece se explicar pelo desejo de unicidade, de homogeneidade, de controle que caracteriza a cultura ocidental em particular. Do caráter heterogêneo da linguagem e do discurso infere-se que não é possível concebê-los apenas ou prioritariamente como lugar de interação e comunicação, mas também ou sobretudo como lugar de não-comunicação e equívoco, sempre atrelado a um dado momento histórico-social responsável pelos diferentes sentidos produzidos. Desse modo é possível concluir que o discurso constitui o ponto de encontro entre o velho e o novo, o mesmo e o diferente, a estrutura e o acontecimento (CORACINI; PEREIRA, 2001, p. 139).

Observa-se que a teoria de Authier-Revuz mostra que o sujeito não é uno como se acreditava e que todo dizer traz, necessariamente, outros dizeres. Por isso, a heterogeneidade enunciativa estuda a relação na linguagem o que pode ser considerado como seu “exterior”, procurando entender como se dá a inscrição do Outro/outro no discurso. Vejamos o trecho a seguir:

(3) Àquela altura, porém, eu tinha de escolher o terreno onde localizar as minhas histórias. Podia ser Barbacena, Belo Horizonte, o Rio, a China, o arquipélago de Neo-Baratária, o espaço astral, ou, mesmo, o pedaço de Minas Gerais que era mais meu. E foi o que preferi. Porque tinha muitas saudades de lá. Porque conhecia um pouco melhor a terra, a gente, bichos, árvores.

JGR enuncia a heterogeneidade que constitui o seu discurso: eu tinha de escolher o terreno onde localizar as minhas histórias. Entre tantas localidades “experimentadas” de alguma forma e que atravessavam a própria formação discursiva, JGR elege o pedaço de Minas Gerais que era mais dele, onde conseguia discursar melhor, sem inventos ou ficção, mas como um projeto de construção identitária que é consequência da heterogeneidade formada através das vivências do

sujeito. Pode assim dizer, “Porque conhecia um pouco melhor a terra, a gente, bichos, árvores”.

E, para analisar o funcionamento dessa heterogeneidade, Authier-Revuz propõe duas formas, a heterogeneidade mostrada (marcada e não marcada) e a heterogeneidade constitutiva, que iremos apresentar nas seções seguintes, objetivando analisar o modo como os diferentes sujeitos se movimentam, isto é, se constituem no discurso, sendo interpelados pelo outro na referida carta.

Heterogeneidade mostrada e as marcas do outro na Carta a João Condé

A heterogeneidade mostrada traz marcas da presença do outro na cadeia discursiva, dessa maneira, a alteridade se manifesta ao longo do discurso e pode ser marcada – da ordem da enunciação, portanto, perceptível na materialidade linguística quando temos o discurso relatado (formas sintáticas do discurso direto e do discurso indireto), as aspas, itálicos e as glosas enunciativas – e não marcada, como a ironia, o discurso indireto livre, provérbio, metáforas, jogos de palavras, etc., que contam com o “outro dizer”, sem explicitá-lo, para produzir sentidos.

No discurso direto, os recursos utilizados para demarcar explicitamente o outro na estrutura linguística da heterogeneidade mostrada marcada são as próprias palavras do outro que ocupam o tempo ou o espaço claramente recortado da citação na frase; o locutor se apresenta como simples “porta-voz”. O narrador deixa o outro expressar-se por si mesmo, isto é, ocorre a reprodução textual das falas do outro. Ele apresenta-o e deixa-o livremente falar. As vozes do narrador e da personagem são claramente distintas. (CUNHA; CINTRA, 2008). Observe a passagem a seguir:

(4) Exigiu você que eu escrevesse, *manu própria*, nos espaços brancos deste seu exemplar de Sagarana, uma explicação, uma confissão, uma conversa, a mais extensa, possível — o imposto João Condé para escritores, enfim.

Neste excerto, identificamos as vozes do escrevente narrador personagem, João Guimarães Rosa, que fala diretamente ao amigo, João Condé. Logo no início da carta, JGR, em tom irônico, convoca JC a participar do diálogo instituído pela escolha do gênero carta. Ao tomar para escrita as expressões “Exigiu você que eu escrevesse”

e “o imposto João Condé”, o locutor revela desde então nas entrelinhas, a intimidade já estabelecida entre os dois amigos.

À vista disso, no discurso indireto, o locutor se comporta como tradutor, e, fazendo uso de suas próprias palavras, ele remete a um outro como fonte do sentido dos propósitos que ele relata. No exemplo que se segue é possível observar esse mecanismo:

(5) Aí, experimentei o meu estilo, como é que estaria. Me agradou. De certo que eu amava a língua. Apenas, não a amo como a mãe severa, mas como a bela amante e companheira. O que eu gostaria de poder fazer (não o que fiz, João Condé!) seria aplicar, no caso, a minha interpretação...

Nesse trecho, como autor/personagem, JGR dialoga com o amigo e, ao mesmo tempo, apresenta a própria perspectiva a respeito da “língua”, comparando-a e julgando-a como forma de avaliar o seu estilo. Ele se auto interpela sobre o uso do estilo linguístico a que recorre.

Ao longo da carta, por meio das “aspas” podemos identificar forma de conotação autonímica que, de grosso modo, podem ser palavras ou expressão – no caso as aspas destacadas–no contexto pelo produtor na forma de metalinguagem. Nas palavras de Authier-Revuz (1990, p. 29), “num gesto metalinguístico no sentido estrito”, de desenvolver um importante papel na marcação do discurso do outro com diferentes funções no plano enunciativo.

No trecho:

(6) O que eu gostaria de poder fazer (não o que fiz, João Condé!) seria aplicar, no caso, a minha interpretação de uns versos de Paul Éluard: “o peixe avança nágua, como um dedo numa luva”. Um ideal: precisão, micromilimétrica.

Observa-se no exemplo acima, o sujeito tentando desviar a negativa que manifestou em sua fala, a seu despeito, um imediato contradizer, e ao fazê-lo, João acaba por citar o termo que lhe escapou (não o que fiz, João Condé), para em seguida, aplicar o que tanto marcou a presença da autonímia, a autodeterminação sobre o sentido pretendido, quanto da heterogeneidade constitutiva.

O uso das aspas em “o peixe avança nágua, como um dedo numa luva” para representar a citação como voz escolhida de Paul Éluard, poeta francês conhecido pela sua poesia surrealista, para elucidação, bem como utiliza. Em seguida, o sujeito emite um comentário (uma glosa) acerca da citação (Um ideal: precisão, micromilimétrica) para explicar o sentido empregado e ao mesmo tempo, pretendido a fim de controlar o seu dizer. Esse comentário é a forma como o sujeito representa o que lhe escapa, ou seja, a heterogeneidade mostrada.

De forma diferente, em outro trecho, JGR recorre as aspas de forma irônica quanto à expressão empregada:

(7) Porque o povo do interior — sem convenções, “poses” — dá melhores personagens de parábolas: lá se veem bem as reações humanas e a ação do destino: lá se vê bem um rio cair na cachoeira ou contornar a montanha, e as grandes árvores estalarem sob o raio, e cada talo do capim humano rebrotar com a chuva ou se estorricar com a seca.

No exemplo acima, a ironia imposta pelas aspas em “poses” foi o efeito de sentido intencionalmente provocado pelo autor como forma de marcar outro sentido que não o escrito. Em sua palavra marcada, dá-se a entender uma crítica em relação ao que pensa ser a distinção entre o povo da cidade e o povo do interior. O que verificamos acontecer em razão de uma linha tênue e que por ora, transpõe o limite percorrido entre a heterogeneidade marcada, as aspas, e a não marcada, a ironia.

Como já citamos no início desta seção, na heterogeneidade mostrada não marcada utilizamos recursos para demarcar explicitamente o outro na estrutura linguística através da ironia, o discurso indireto livre, provérbio, metáforas, jogos de palavras, etc., que contam com o “outro dizer”, sem explicitá-lo, para produzir sentidos.

Nesse sentido, Authier-Revuz (1990, p. 23) revela:

Efetivamente, as formas não marcadas da heterogeneidade mostrada[...] representam, pelo continuum, a incerteza que caracteriza a referência ao outro, uma outra forma de negociação com a heterogeneidade constitutiva; uma forma mais arriscada, porque joga com a diluição, com a dissolução do outro no um, onde este, precisamente aqui, pode ser enfaticamente confirmado, mas também onde pode se perder (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 23).

Mesmo diante do exposto, nosso desafio será analisar em alguns trechos, concernentes ao que até aqui trouxemos, a fim de correlacionar os aspectos teóricos metodológicos abordados ao que sugere, identificamos como sendo pertencentes à heterogeneidade mostrada não marcada e a heterogeneidade constitutiva.

A ironia é uma forma de manifestar a heterogeneidade mostrada não marcada. Ela consiste em exprimir uma ideia contrária do que se pensa, com a finalidade de criticar (CUNHA; CINTRA, 2008):

(8) Mas, ainda haveria mais, se possível (sonhar é fácil, João Condé, realizar é que são elas...): além dos estados líquidos e sólidos, por que não tentar trabalhar a língua também em estado gasoso?!

Nesse enunciado, de forma irônica, Rosa relativiza com o amigo Condé as dificuldades em realizar um sonho. É perceptível no trecho “sonhar é fácil, João Condé, realizar é que são elas...”, pistas deixadas por JGR, no interdiscurso, e agenciadas nas palavras, levando em consideração as vivências/realidade, o conhecimento do interlocutor a respeito de um suposto sonho e a expressão linguageira, intertextualidade com o provérbio “Falar é fácil, fazer é que é difícil”, empregada pelo locutor.

No mesmo trecho, JGR aplica a metáfora “além dos estados líquidos e sólidos, por que não tentar trabalhar a língua também em estado gasoso?!” para relacionar a língua às condições de produção mencionadas ao longo da carta. O autor emprega a água, elemento de referência universal em seus estados - líquido, sólido e gasoso, como comparativo e para referir-se às dificuldades encontradas para construir o próprio estilo de escrita. A língua como processo produzido entre o pensamento e o “instrumento” do corpo, que se movimenta, articula-se e a materializa nas palavras escritas por tintas diversas, mas que, proferidas pelo oral, tornam-se fluidos sonoros soltos no ar.

Lima *et al.* (2001, p. 108) definem metáforas como:

[...] operações cognitivas, na qual empregamos um domínio experiencial mais concreto, estreitamente ligado à experiência com nosso próprio corpo e o mundo em que vivemos para compreender/conceitualizar um domínio mais abstrato, cuja natureza da experiência humana não permite uma representação direta. (LIMA *et al.*, 2001, p.108)

Já no trecho que se segue, por meio da metáfora e alusão, o autor parece se inscrever na formação discursiva empregada ao recorrer a um jogo de palavras e aos modos e formas do dizer, elementos interdiscursivos e intergenéricos dentro de um mesmo discurso. Vejamos:

(9) Isso, porque: na panela do pobre, tudo é tempero. E, conforme aquele sábio salmão grego de André Maurois: um rio sem margens é o ideal do peixe.

JGR traz para a interlocução/carta, o regionalismo característico de suas obras, mistura de experiências, de identidade, do folclore e da oralidade às construções linguísticas. Para Corrêa (2007):

[...] fica marcada, portanto, a miscibilidade das práticas sociais e dos gêneros discursivos, permitindo que olhemos para certas presenças surpreendentes de fragmentos de gêneros, manifestadas em diferentes dimensões da linguagem, não como erro nem como inadequação, mas como um registro pontual e singular, porque histórico, do estado do processo discursivo em que o sujeito se situa no que se refere, especificamente, ao posicionamento enunciativo que ocupa em relação aos modos de enunciação falado ou escrito (CORRÊA, 2007, p. 272).

Ao usar a metáfora “na panela do pobre, tudo é tempero”, o autor sabe do que diz, sabe o que significam as palavras empregadas na expressão mundana. JGR recorre a todo instante em trazer à cena, as condições vividas pela comunidade na qual está inserido. Em acordo a esse significado, evoca no trecho imediatamente seguinte, “aquele sábio salmão”, como forma de evocar as vozes do povo interiorano para referir-se a alguém que não se sabe ao certo, mas já ouviu falar.

O trocadilho propositalmente realizado entre salmão e Salomão, confere a essa nossa suposição, a relação intergenérica declarada pelo autor. É de conhecimento comum que o salmão é um peixe de carne nobre e muito valorizado pela culinária, e seu curioso ciclo de vida: nasce e vive em águas doces em sua juventude, depois vai para o mar, no período de maturidade, por meio de sua memória olfativa, enfrenta uma saga nas correntezas da vida e retorna ao local de seu nascimento para desovar e esperar a morte. Sem falar que, nesse período, ele não se alimenta mais e vive das reservas armazenadas ao longo da vida. Enquanto

Salomão, personagem bíblico filho do Rei Davi, é considerado em passagem da Bíblia como um grande sábio e assim diz: “Deus concedeu a Salomão sabedoria e inteligência extraordinárias, e mente aberta como as praias do mar”.

Evidentemente, JGR não relaciona aqui todas essas informações a revelia, pois era um conhecedor do mundo, das coisas e de sua gente. Ele brinca com as palavras e com os múltiplos sentidos, estabelecendo uma ligação nada simples, porém terna e profundamente sábia. Rosa coloca num só trecho um dito popular tão significativo à vida e necessidades da região do sertão mineiro: “na panela do pobre, tudo é tempero”; reconhece o divino na personificação da sabedoria em Salomão: “aquele sábio salmão”; cita o romancista por seu pseudônimo que em registro francês era Emile Salomon Wilhelm Herzog, construindo uma inter-relação entre os signos: “grego de André Maurois”, finalizando com uma de suas célebres frases, para nós uma metáfora: “um rio sem margens é o ideal do peixe”. Esta leitura confirma a sua fantástica organização e reorganização intelectual transposta na carta.

O discurso indireto livre é outra forma de heterogeneidade não marcada, o enunciado é realizado na terceira pessoa, o narrador reproduz, mas sem reformulação, as falas da personagem, mantendo as marcas de oralidade, próprias do discurso direto. As personagens têm voz própria, mas esta confunde-se com a do narrador, verificando-se uma espécie de mistura dos dois tipos de discurso. Esse modo de relato do discurso aproxima narrador e personagem, dando-nos a impressão de que passam a falar em uníssono (CUNHA; CINTRA, 2008), conforme a passagem abaixo:

(10) Mirrado pé de couve, seja, o livro fica sendo, no chão do seu autor, uma árvore velha, capaz de transviá-lo e de o fazer andar errado, se tenta alcançar-lhe os fios extremos, no labirinto das raízes. Graças a Deus, tudo é mistério.

Em terceira pessoa, JGR compara o pedido do amigo às facetas subestimadas de um “Mirrado pé de couve”. Tenta mostrar a dificuldade da precisão do que se pretende um autor no momento de escrita, dos tortuosos caminhos a seguir, e conseqüentemente seu interlocutor, às incorreções e desvios. Como numa conversa virtual entre o escritor JGR, a de seu escrevente-personagem (o amigo de João Condé) e o próprio amigo Condé e interlocutor da carta, como num fluxo de

consciência, mistura no intradiscurso sob suas vozes um conceito mundano, um juízo de valor “o livro fica sendo, no chão do seu autor, uma árvore velha, capaz de transviá-lo e de o fazer andar errado, se tenta alcançar-lhe os fios extremos, no labirinto das raízes”. Para, por fim, em veredicto, retomara voz inicial (sem distinção) e concluir: “Graças a Deus, tudo é mistério.”

Como se verifica, as fronteiras entre as vozes do narrador e personagem esbatem-se, diluem-se, num efeito de grande expressividade, criado pela liberdade da ruptura sintática que é assumida claramente. Este hibridismo evita simultaneamente o uso recorrente de conjunções subordinadas, a frequência dos cortes do diálogo, próprios do discurso direto, imprimindo uma elaboração mais sofisticada e, por isso, julga-se mais estimulante para o leitor.

Heterogeneidade constitutiva

A heterogeneidade constitutiva é aquela que não aparece marcada linguisticamente no fio do discurso, no caso de nossa análise no texto, o outro não aparece de forma explícita. Para Authier-Revuz (1990, p. 32), esse processo se refere “aos processos reais de constituição dum discurso”, já que todo discurso traz outros sujeitos em sua constituição. “Todo discurso é constitutivamente atravessado pelos ‘outros discursos’ e pelo ‘discurso do Outro’”. O “Outro” cujo discurso é o inconsciente, da teoria lacaniana e por ser da ordem do simbólico, é tecido de linguagem. O Outro está além de uma dimensão imaginária, dos significantes. Já o “outro” (com “o” minúsculo) corresponde ao interlocutor, à alteridade: um discurso é heterogêneo porque sempre comporta, constitutivamente, em seu interior, outros discursos.

Para Authier-Revuz (1990, p. 32), esse processo se refere “aos processos reais de constituição dum discurso”, já que todo discurso traz outros sujeitos em sua constituição. Assim, um discurso caracteriza-se como heterogêneo por não trazer as marcas formais, no entanto, é constitutivo no intertexto e em outros discursos.

A heterogeneidade constitutiva, não marcada em sua superfície, é um princípio da linguagem e de abordagem difícil e complexa, pois não há materialidade de sua existência abstrata. Como afirma Maingueneau (2011, p. 75) “O levantamento exaustivo e a classificação das marcas de heterogeneidade representam uma tarefa perigosa, talvez impossível [...]”.

Considerando essa afirmativa, embora tarefa “perigosa”, apresentaremos nos excertos seguintes, um delinear de ‘outros’ na voz de um sujeito-autor, que fala de um lugar social e se movimenta, deixando transparecer sua exterioridade constitutiva pelas vozes que atravessam o próprio discurso, o próprio dizer. O sujeito-autor, JGR, era conhecedor dos processos de produção e circulação dos discursos e sabia o que poderia implicar as suas formas de escrita. Segundo Foucault (1996), “ninguém entrará na ordem do discurso se não satisfizer certas exigências ou se não for, de início, qualificado para o fazer”. Observadas essas condições, apresentaremos a seguir dois excertos:

(11) Assim, pois, em 1937 — um dia, outro dia, outro dia... — quando chegou a hora de o Sagarana ter de ser escrito, pensei muito. Num barquinho, que viria descendo o rio e passaria ao alcance das minhas mãos, eu ia poder colocar o que quisesse. Principalmente, nele poderia embarcar, inteira, no momento, a minha concepção-do-mundo.

(12) Rezei, de verdade, para que pudesse esquecer-me, por completo, de que algum dia já tivessem existido septos, limitações, tabiques, preconceitos, a respeito de normas, modas, tendências, escolas literárias, doutrinas, conceitos, atualidades e tradições — no tempo e no espaço.

Embora de forma implícita, o autor manifesta suas inquietudes em relação ao estilo construído a partir de seus pré-construídos, de toda a sua historicidade revelada e externada por sua heterogeneidade constitutiva. Ao tomarmos, rezar, como uma intervenção “divina”, como um suposto pedido de autorização para poder ser o que era e dizer o que tantos outros não podiam dizer, JGR traz, para cena literária, as vozes sufocadas do interior, do sertão, do folclore, do regionalismo, e na carta, ao dialogar com um amigo próximo, pode dizer de tudo o que sentia, da insegurança e do medo, de um efeito de sentido negativo que poderia ser trazido a partir do texto para sua “gente”.

Seguindo esse raciocínio, trouxemos uma crítica à ideia de adequação da linguagem, subtendida pela leitura dos trechos e para corroborar com o desafio da proposta, buscamos novamente Corrêa (2007):

A eficácia de um texto seria, pois, uma qualidade que se produziria com base na recusa (ou, pelo menos, na tentativa de controle) de

qualquer desvio de estilo. Mas não só isso: também as variedades do falante no texto são tidas como um obstáculo para a sua eficácia; recusá-las teria a função de evitar o efeito negativo das marcas linguísticas estigmatizantes (CORRÊA, 2007, p. 272).

Nos trechos acima transcritos da carta, JGR mostra sua incerteza na escrita, mas busca novamente 'o sonho' que tem em colocar no papel o discurso tal qual como quisesse: "Num barquinho, que viria descendo o rio e passaria ao alcance das minhas mãos, eu ia poder colocar o que quisesse. Principalmente, nele poderia embarcar, inteira, no momento, a minha concepção-do-mundo" e a sua constituição na escrita.

Em suma, a heterogeneidade constitutiva não aparece no fio do discurso, é constituída por meio da presença do Outro. Ela ocorre quando o discurso é colocado em relação de alteridade, quando ele se constitui na e pela presença do Outro. A heterogeneidade, nessas circunstâncias, é colocada como condição para o discurso.

Considerações finais

Propusemos, de forma desafiadora, no significado literal do vocábulo, apresentar considerações marcadas pelas dimensões sócio-históricas da heterogeneidade identificadas ao longo da carta de João Guimarães Rosa, apresentadas pela teoria da heterogeneidade enunciativa de Authier-Revuz no gênero em questão e explicar as posições do enunciador em relação ao seu interlocutor e ao conteúdo temático veiculado ao seu propósito comunicativo.

Consideramos que as palavras não são exclusividade do sujeito autor, pois elas são sempre apropriadas, levando-se em consideração as palavras de um Outro (aquele iniciado por O maiúsculo), que já foram ditas em algum lugar da história e, por isso, estão impregnadas de valores ideológicos, modificando o seu sentido em função do momento, do uso e do lugar discursivo em que se ressignifica. Por meio das condições de escrita próprias desse sujeito autor e do agenciamento que realiza entre as diversas vozes que o atravessa, lhe é conferido o sentido da alteridade.

Guimarães Rosa não foi um ingênuo ensaísta a escrever, às vezes, de forma desconexa. O que fez responsabilmente foi deixar emergir em seus escritos as vozes de uma gente, naquela época invisibilizada e não reconhecida, principalmente pela língua. Nos doze capítulos de **Sagarana**, traz à tona: a representatividade num pouco de história do povo do interior e do sertão das Minas Gerais: nas personagens, pela

linguagem, nos modos e pelos processos discursivos; de características particulares da época em que viver e sobreviver era tarefa difícil: mostrada por meio das expressões e metáforas constantemente demarcadas; a ousadia em suas experiências como escritor a romper com as formas conservadoras e de poder da escrita e transpor em palavras, de forma híbrida, a voz da sua gente. Como sujeito escrevente e personagem real e/ou fictício da história, deixa sutilmente transparecer em seus escritos a heterogeneidade que o constituiu. Isso diz da heterogeneidade constitutiva, aquela considerada tarefa difícil e perigosa, porque não traz na superficialidade as marcas enunciativas demarcadas graficamente no texto pelo dizer; isso diz daquelas que estão impregnadas na memória e que no ato da escrita escapole e notadamente “entrega”, como um delatar no fio da tessitura, e põe no colo do interlocutor o sujeito por sua formação discursiva.

Assim, nos trechos analisados, observamos que o discurso, além de não ser puro, é tomado como forma de interação verbal o que põe o sujeito no âmbito, também social, uma vez que ele se inscreve nas interlocuções com outros sujeitos por meio da língua e aparece marcado, de alguma forma, por outros discursos. Nesse sentido, o sujeito deixa escapar as marcas do outro por meio das formas de heterogeneidade enunciativas mostrando que os dizeres ali presentes não são originários em si. Nas palavras de JGR: “Algo, porém, tem de ser dito. Ao autor o que é do autor, mas a João Condé o que é de João Condé”, e mostradamente ou constitutivamente apresentou nos entremeios do texto a alteridade das múltiplas vozes que atravessavam a própria formação discursiva e que teceram a composição da carta.

Para além do exposto, verificamos que o enunciador ao mesmo tempo em que mescla vozes e participa da interação entre os locutores no momento da ação comunicativa assentados na materialidade linguística pode representar seu papel de sujeito social e evidenciar o seu posicionamento. É importante ressaltar, ainda, que, na carta, há outros trechos passíveis de análises e categorizações, porém não era nossa pretensão exaurir as possibilidades, mas perceber na maravilhosa carta-identidade escrita por João Guimarães Rosa o conceito da heterogeneidade enunciativa.

Referência

AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). **Cadernos de Estudos Linguísticos**, 19: 25-42, 1990. Disponível em:

<https://doi.org/10.20396/cel.v19i0.8636824>. Acesso em: 23 mar. 20.

BAZERMAN, C. **Gêneros textuais, tipificação e interação**. 1ª. ed. São Paulo: Cortez, 2005, p. 176.

CORRÊA, M. L. G. Heterogeneidade da escrita: a novidade da adequação e a experiência do acontecimento. **Filologia e Linguística Portuguesa**, 8: p. 269-286, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2176-9419.v0i8p269-286>. Acesso em 14 abr. 20.

CORACINI, M. J.; PEREIRA, A. E. **Discurso e Sociedade: práticas em análise do Discurso**. 1ª. ed. Pelotas: Educat, 2001, p. 348.

CUNHA, C.; CINTRA, L. **Nova Gramática do Português**. 3ª ed. Contemporâneo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008, p. 388.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970**. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 3ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996, p. 80.

INDURSKY, F. Da heterogeneidade do discurso à heterogeneidade do texto e suas implicações no processo da leitura. In: ERNEST-PEREIRA, A.; FUNCK, S.B. (Orgs.). **A escrita e a leitura como práticas discursivas**. Pelotas: Educat, 2001, p. 224.

INDURSKY, F. As determinações da prática discursiva da escrita. **Revista Desenredo**, 12(1): p. 30-47, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.5335/rdes.v12i1.5954>. Acesso em: 08 mar. 20.

LIEBLICH, A.; TUVAL-MASHIACH, R.; ZILBER, T. **Narrative Research: Reading, Analysis and Interpretation**. Thousand Oaks, CA: Sage, 1998, p. 200.

LIMA, P. C. L.; GIBBS, R. W, Jr.; FRANÇOSO, E. Emergência e natureza da metáfora primária - desejar é ter fome. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, 40: 107-140, 2001. Disponível em: <https://doi.org/10.20396/cel.v40i0.8637123>. Acesso em: 23 mai. 20.

MAINGUENEAU, D. **Análise de textos de comunicação**. 6ª. ed. São Paulo: Cortez, 2011, p. 304.

ORLANDI, E. P. **Discurso e Texto: formulação e circulação dos sentidos**. 2ª. ed. Campinas: Pontes, 2005, p. 218.

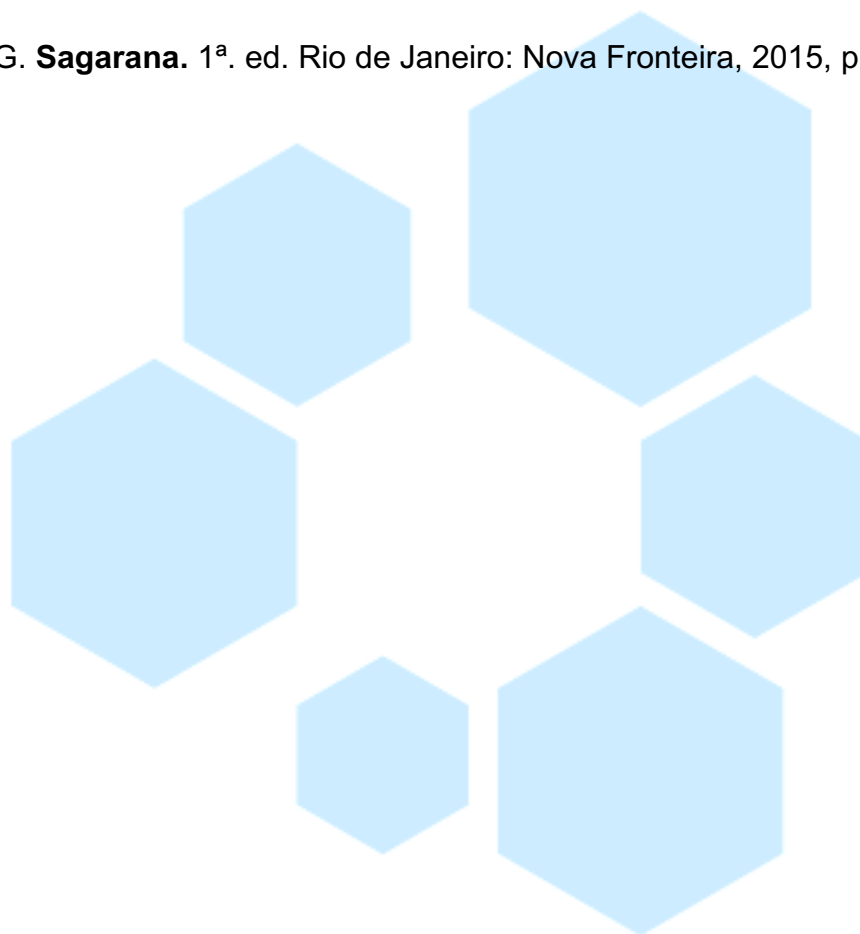
PAIVA, V. L. M. O. **Manual de pesquisa em estudos linguísticos**. 1ª. ed. São Paulo: Parábola, 2019, p. 157.

PÊCHEUX, M. Análise automática do discurso. *In*: GADET, F.; HAK, T. (orgs.). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Trad. Bethânia S. Mariani *et al.* Campinas: Editora da UNICAMP, 2010, p. 317, p. 61-161.

PÊCHEUX, M. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. Trad. Eni Pulcinelli Orlandi. 4^a. ed. Campinas: Pontes, 2006, p. 68.

POSSENTI, S. Observações sobre Interdiscurso. **Revista Letras**, 61, especial, 2003, p. 253-269. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5380/rel.v61i0.2890> . Acesso em: 14 abr. 20.

ROSA, J.G. **Sagarana**. 1^a. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015, p. 328.



Recebido em 18 de agosto de 2020
Aprovado em 29 de outubro de 2020